

## 4. Dupla exposição

Não é fácil concluir um trabalho quando, olhando de relance para o que foi escrito, fica a sensação de que tudo isso foi apenas um começo. Os temas com os quais trabalhei nesta dissertação eram novos para mim até pouco tempo atrás, até que ingressei no mestrado em letras. Mas, de certa forma, estão relacionados com interesses meus que, agora percebo, estavam em plena gestação em mim. Por esse motivo, não pretendo aqui dar um fim a este trabalho, mas levantar alguns pontos abordados, para fim de uma organização final, tanto para mim, quanto para o leitor.

No primeiro capítulo, o que se segue à introdução, me debrucei sobre a linguagem dos quadrinhos. Achei necessário me aproximar da “forma” dos quadrinhos, especialmente por eles ainda não serem amplamente estudados no meio acadêmico, para só depois trabalhar o conteúdo e a discursividade de *O Fotógrafo*. Abri esse segundo capítulo com uma pergunta, me questionando o que eram as histórias em quadrinhos, e optei por não dar uma resposta conclusiva. Ao invés disso, tentei adentrar a linguagem das HQs pouco a pouco, focando em alguns mecanismos dos quais os seus autores lançam mão para se comunicar com seus leitores e que são relevantes em *O Fotógrafo*.

O ponto central do capítulo é o argumento de que as histórias em quadrinhos são uma linguagem específica e de que, quando formadas por imagens e textos, essa relação merece ser pensada não em termos comparativos, mas como um conjunto misto. Vêm-me agora em mente as fotografias de dupla exposição. Essas imagens são compostas por duas fotografias, dois cliques; mas organizadas assim, sobrepostas, formam uma terceira imagem diferente das duas que a compõem. De maneira parecida eu vejo os quadrinhos, com a diferença que estes sobreponham imagens e palavras, e não duas imagens. A relação é mais complexa. O grau dessa interação, nas HQs, varia de trabalho para trabalho.

*O Fotógrafo* não explora essa relação de forma radical, ao contrário de Chris Ware, que faz imagem e texto se confundirem constantemente. O caso de *O Fotógrafo*, no entanto, oferece algumas especificidades em relação à construção de sua linguagem, principalmente pelo uso de fotografias como quadros, que trazem novas aberturas para a comunicação através dos quadrinhos. O uso de fotografias apresenta, ainda, novas possibilidades de criação para os quadrinhos de caráter jornalístico e para os relatos vivenciais, já que as fotografias têm uma potência testemunhal, quer dizer, garantem que o fotógrafo esteve em contato com o meio fotografado.

No segundo capítulo, procurei situar *O Fotógrafo* no campo mais amplo de escritas vivenciais contemporâneas e refletir sobre a forma como a noção de autoria é construída no livro. Ficou claro para mim que analisar os artifícios de construção da escrita vivencial sem levar em conta a múltipla autoria e a existência de várias vozes no processo de escrita seria insuficiente. Apresentei também a ideia de que o livro, como superfície de escrita, ou, claro, a superfície do filme fotográfico, são espaços abertos para a autocriação do escritor/artista. Através de mecanismos de autofiguração, o artista pode performar sua própria existência virtual, enquanto imagem.

Desdobrei minha leitura sobre as escritas de si para uma leitura das escritas sobre o outro. Para isso, peguei emprestadas reflexões de áreas que constantemente se debruçam, em seus processos de investigação e escrita, sobre o outro. Essas áreas são a etnografia e o jornalismo. Ambas me permitiram afrouxar as categorias do “eu” e do “outro” e pensar sobre a dinâmica das relações e diálogos que essas categorias estabelecem entre si e que refletem na escrita. Investiguei ainda, nesta mesma trilha de investigação, em que medida as reflexões sobre o outro podem estar associadas a uma reflexão sobre o sujeito da escrita, como acontece em *O Fotógrafo*. Entendi que a abertura para a subjetividade na escrita/olhar sobre o outro oferece novas possibilidades de reflexão em diferentes campos de criação e investigação.

O objeto desta dissertação dialoga com uma gama de outros trabalhos que exploram a relação entre imagem e texto e que se voltam a temas próximos aos dele, como as histórias em quadrinhos com teor jornalístico, biográfico ou que são relatos de guerras. Nos textos situados entre os capítulos, os “Entreatos”, explorei alguns desses trabalhos. Optei por deixar em aberto as possibilidades de

leituras e de diálogo entre *O Fotógrafo* e esses outros trabalhos. Espero que esses trechos tenham contribuído para passar a ideia de que a abrangência de *O Fotógrafo* vai além das suas próprias páginas.

Os quadrinhos são fragmentados por natureza. Por esse motivo, sua linguagem é capaz de elaborar de maneiras bastante interessantes sobre a fragmentariedade de seus temas, a pluralidade de pontos de vista, de autores e de linguagens. No que diz respeito a *O Fotógrafo*, sua forma e conteúdo pedem para serem lidos como uma coisa só, assim como propõe Mitchell em relação a *After the Last Sky*, trabalho de Said e Mohr do qual falei no início deste trabalho. Forma e conteúdo trabalham juntos para construir uma narrativa fragmentada, híbrida, plural. Forma e conteúdo acabam potencializando as qualidades um do outro, ressaltando e complexificando a construção plural de cada. Esta escrita, contudo, permanece como um olhar parcial sobre seus objetos.

A combinação entre quadrinhos e escritas de si revela algumas tendências da produção cultural e dos estudos de literatura da contemporaneidade. Tanto as histórias em quadrinhos quanto os discursos vivenciais têm possibilidades de expressão e de aplicação amplas e ricas. É difícil delimitar o corpus que podem ser incluídos no estudo de um e de outro. Os estudos sobre escritas de si têm um espaço bastante sólido conquistado na academia e os quadrinhos estão começando a conquistar o seu, ainda que timidamente, e deixando de ser vistos como uma forma de expressão menor. As histórias em quadrinhos estão em pleno desenvolvimento, conquistando novos espaços de atuação e têm um futuro em aberto à sua frente.